

◆ Artigo Original

Síndrome da imunodeficiência adquirida: Um panorama sobre os índices da população idosa brasileira

Acquired immunodeficiency Syndrome: A panorama on the indices of the Brazilian elderly population

Síndrome de inmunodeficiencia adquirida: un panorama en los índices de la población de ancianos brasileños

Emília Pio da Silva ¹, Izabella Stéphanhy Santos Lima ², Júlia Cristhina Ribeiro de Castro ³, Juliana Potenza Ferreira ⁴, Maria Paula Clemente Coelho Lacerda ⁵, Thaísa Assis Muniz ⁶, Douglas Almeida Costa ⁷, Marli do Carmo Cupertino ⁸

¹Professora na Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP), Ponte Nova, (MG), Brasil e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Risco Social e Envelhecimento Humano. Departamento de Economia Doméstica. Universidade Federal de Viçosa (UFV), Brasil; ^{2,3,4,5,6,7} Student Medicine, Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP), Ponte Nova, (MG), Brasil; ³ Student Medicine, Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP), Ponte Nova, (MG), Brasil; ⁸Professora na Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP), Ponte Nova, (MG), Brasil e Departamento de Medicina e Enfermagem, Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa (MG), Brasil

Corresponding author: marli.cupertino@ufv.br

Resumo

O Brasil tem vivenciado o processo de envelhecimento da população, onde os idosos têm experimentado a velhice de forma ativa e saudável, com uma maior vivência da sexualidade, resultando em infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV). Assim objetivou-se delimitar os padrões epidemiológicos da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), na população idosa. Utilizou-se dados do período 2007/2017, notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, declarados no Sistema de Informações sobre Mortalidade e registados Sistema de Controle de Exames Laboratoriais da Rede Nacional de Contagem de Linfócitos e Carga Viral do HIV. Foram utilizados os números de casos e óbitos, por faixa etária e por sexo. Como resultados foi observado que entre 2007 e 2017 o número de casos de AIDS, notificados em pessoas idosas, aumentou 4,29%, sendo predominante no sexo masculino. A porcentagem de óbitos por AIDS, passou de 5,79% em 2007 para 12,45% em 2017, enquanto esse índice na população com menos de 60 anos caiu no período analisado. O uso de preservativos reduz com o decorrer da idade, devido, entre outros fatores, a dificuldade de manuseio; queda do desempenho sexual; além da falta de conhecimento. A questão sexualidade é pouco evidenciada por profissionais da saúde, que direcionam as campanhas relacionadas ao HIV a outras partes da população, que não os idosos. Conclui-se que o envelhecimento da população, com boa qualidade de vida, permite a pessoa idosa uma vida sexual ativa, que é uma das causas do aumento de casos e óbitos por AIDS. Incrementos nas políticas de conscientização à prevenção primária, como uso de preservativo, são necessárias.

Palavras-chave: Envelhecimento, Doenças Sexualmente Transmissíveis, Infectologia, Geriatria, Virologia.

Abstract

Brazil has been experiencing the aging process of the population, where the elderly have actively and healthily experienced old age, with a greater experience of sexuality, resulting in infection with the human immunodeficiency virus (HIV). Thus, the objective was to delimit the epidemiological patterns of Acquired Immunodeficiency Syndrome (AIDS) in the elderly population. Data from the 2007/2017 period, reported in the Notification Disorders Information System, declared in the Mortality Information System, and recorded in the Laboratory Examination Control System of the National Lymphocyte Count and Viral HIV Network were used. We used the numbers of cases and deaths by age and gender. As a result it was observed that between 2007 and 2017 the number of AIDS cases reported in the elderly increased 4.29%, being predominant in males. The percentage of deaths from AIDS increased from 5.79% in 2007 to 12.45% in 2017, while this rate in the population under 60 years of age fell in the period analyzed. Condom use reduces with age, due to, among other factors, difficulty in handling; drop in sexual performance; beyond lack of knowledge. The issue of sexuality is little evidenced by health professionals, who direct HIV-related campaigns to other parts of the population than the elderly. It is concluded that the aging of the population, with a good quality of life, allows the elderly to live an active sex life, which is one of the causes of the increase in AIDS cases and deaths. Increases in primary prevention awareness policies, such as condom use, are needed.

Keywords: Aging, Sexually Transmitted Diseases, Infectious Diseases, Geriatrics, Virology.

INTRODUÇÃO

Os recentes dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018, confirmam o processo de envelhecimento que está ocorrendo no Brasil. Atualmente a população brasileira possui 210. 246. 098 milhões de pessoas, destas 30,2 milhões são idosas, ou seja, com 60 anos ou mais. Nos últimos sete anos a população ganhou 4,8 milhões de pessoas idosas, o que correspondeu a um aumento de 18% desse grupo etário na população total. As mulheres são a maioria representando 16,9 milhões (56%) de idosas, enquanto os homens totalizam 13,3 milhões (44%). As projeções evidenciam que o número de pessoas idosas deve chegar a 25,5% da população em 2060 (IBGE, 2018).

O aumento da longevidade está relacionado com a transição demográfica que pode ser explicada pela redução nas taxas de natalidade e mortalidade no país. Muitos idosos têm vivenciado a velhice de forma ativa e saudável, com boas condições de saúde, apesar da idade avançada. O Centro Internacional de Longevidade Brasil define o envelhecimento ativo como o “processo de otimização de oportunidades para a saúde, a aprendizagem ao longo da vida, a participação e a segurança para melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem” (CILB, 2015).

Para alguns idosos envelhecer significa aproveitar as oportunidades que surgem ao longo da vida para alcançar e manter a saúde, ter uma ocupação rica em

significado, relações sociais, novas habilidades, conhecimento e necessidades materiais (CILB, 2015). Muitos idosos, estão se descobrindo nessa fase da vida. Para as mulheres a viuvez permite desfrutar a vida com mais liberdade, representando a oportunidade de estudar, dançar, viajar, participar de grupos de convivência, dentre outras atividades, visto que, essas mulheres foram educadas em um código moral e ética sexual muito rígido. Antes do casamento eram submissas e obedientes ao pai e posteriormente aos maridos. Assim, para muitas idosas, a viuvez representa libertação. Os homens buscam um recasamento, geralmente com mulheres mais novas. Em ambos os sexos, tem-se, uma abertura para a vivência da sexualidade, tal fato pode levar as pessoas idosas assumir alguns comportamentos de risco, resultando em infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) (Souza; Freitas 2012).

De acordo com dados Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde a taxa de detecção de aids (/100 mil hab.) segundo faixa etária e sexo no Brasil, em 2006 era 16,5%, já em 2015 essa taxa atingiu 20.5% entre homens e mulheres, sendo prevalente entre os homens (13,8%). Ou seja, em um período de 10 anos houve um aumento de 4% (Ministério da Saúde, 2017).

Em função disso, nos últimos anos no Brasil tem emergindo uma epidemia de HIV (vírus da imunodeficiência humana) e AIDS (síndrome da imunodeficiência adquirida) na população idosa. A sexualidade têm sido uma realidade vivenciada pelas pessoas idosas, apesar de ser percebida como um estigma negativo, permeada de preconceito e discriminação. Este perfil epidemiológico pode ser explicado pela facilidade de acesso a medicamentos para distúrbios ou disfunções eréteis, o prolongamento da vida sexual das pessoas com mais de 50 anos, a reposição hormonal principalmente para as mulheres, a possibilidade de implante de próteses penianas e o desconhecimento das pessoas idosas sobre a importância do preservativo e principalmente a resistência no uso destes (Valente, 2013).

Outra condição que têm contribuído para ausência da prevenção e o diagnóstico da AIDS na terceira idade é o estigma imposto pelos profissionais de saúde que percebem a pessoa idosa como um indivíduo assexuado e não abordam a temática sexualidade durante as consultas. Além disso, o diagnóstico do HIV é uma prioridade na atenção básica a saúde, pois os profissionais solicitam a sorologia HIV apenas aos idosos viúvos, usuários de drogas, ou que relatam ter diversos parceiros

sexuais ou durante a Campanha “Fique Sabendo”, em muitas situações os idosos com relação estável e as mulheres acabam sendo excluídas deste processo (Alencar; Ciosak, 2016).

As variáveis descritas acima têm contribuído para o aumento da incidência e prevalência das doenças sexualmente transmissíveis (DST) na terceira idade, principalmente a AIDS que inicialmente incidia entre os homossexuais masculinos vem mudando seu perfil, acometendo pessoas heterossexuais, jovens e idosos. Assim objetivou-se delimitar os padrões epidemiológicos da AIDS, relativos ao número de casos e óbitos, taxa de mortalidade e letalidade por faixa etária, tendo em vista a análise da população idosa, que é considerada de risco, além de discutir as principais razões para a ocorrência do atual cenário.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo, retrospectivo, utilizando dados secundários referente a infecção por HIV e a AIDS. A coleta de dados foi realizada no período de 2007 - 2017. A população do estudo consistiu nos casos de notificação de HIV e de AIDS, no período entre 2007 – 2017, sendo estes dados notificados no (1) Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), declarados no (2) Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e registados Sistema de Controle de Exames Laboratoriais da Rede Nacional de Contagem de Linfócitos CD4+/CD8+ e Carga Viral do HIV. Os dados obtidos estavam agrupados no Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde (4). Os índices epidemiológicos utilizados foram os seguintes: número de casos e número de óbitos, ambos, por faixa etária e por sexo.

Os dados obtidos foram armazenados e analisados quantitativamente através do Microsoft Office Excel. Estes dados foram descritos por meio de estatística descritiva e apresentados na forma de gráficos para facilitar a visualização e compreensão dos resultados.

RESULTADOS

Constatou-se por meio do Boletim Epidemiológico de Saúde que no período entre 2007 e 2017 foram notificados 194. 217 casos de HIV no Brasil. Destes casos 5.668 notificações eram de pessoas com 60 anos ou mais, sendo assim, dos casos

notificados de HIV 2,92% eram de pessoas idosas. Se considerarmos que entre a faixa etária de 50 – 59 anos há 5.691 casos de notificação, pode-se esperar em breve um incremento na percentagem de pessoas idosas infetadas, visto que, esta faixa etária antecede a velhice. Analisando a faixa etária acima de 60 anos verificou-se um aumento na percentagem de pessoas idosas infetadas por AIDS nos últimos 10 anos (Gráfico 1). Entre 2007 e 2017 o número de casos de AIDS notificados em pessoas idosas aumentou aproximadamente em 4,29%.

Avaliando ainda o Gráfico 1 percebeu-se que a partir de 2013 o aumento na percentagem de casos passou a ser maior na população idosa quando comparada com as pessoas com menos de 60 anos, mantendo essa tendência até 2017.

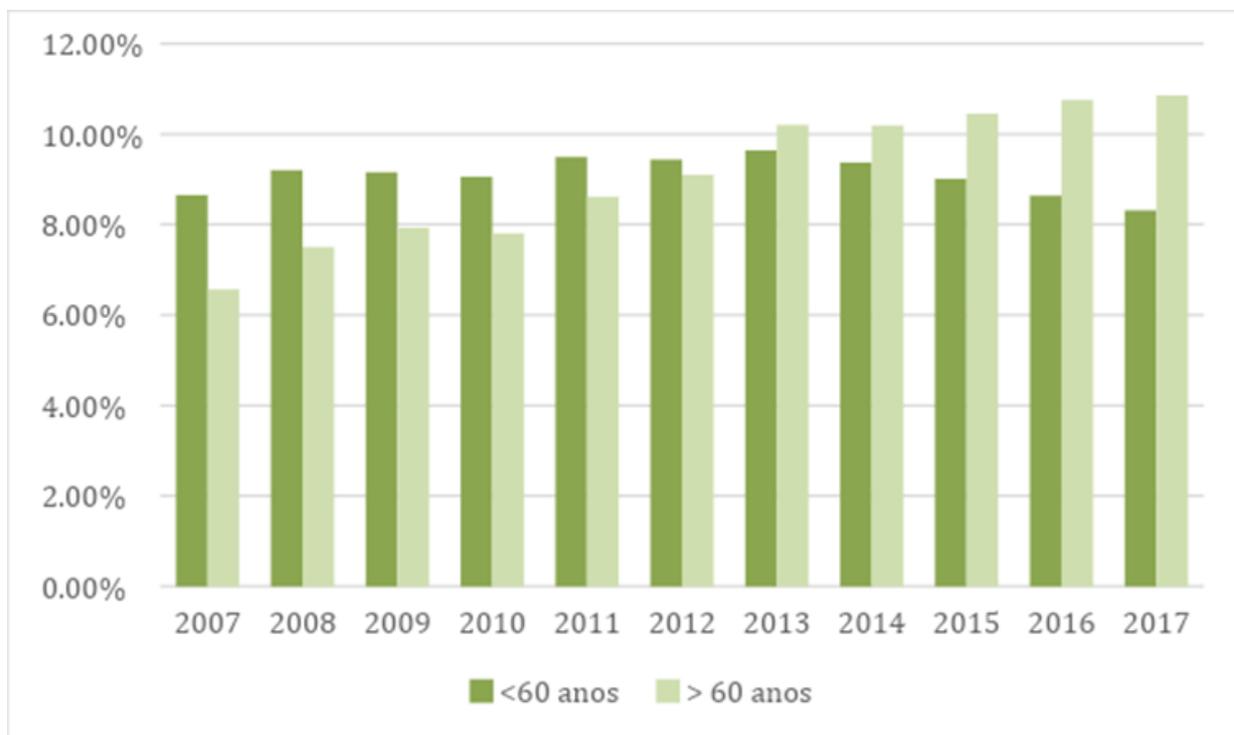


Gráfico 1 – Percentagem de casos de AIDS em pessoas com 60 anos ou mais nos últimos 10 anos

Fonte: Ministério da Saúde, 2017.

Considerando o número de casos de AIDS por gênero, constatou-se que a referida síndrome foi predominante em pessoas idosas do sexo masculino (Gráfico 2).



Gráfico 2 – Número de casos de AIDS por gênero na população idosa. Fonte: Ministério da Saúde (2017)

O Gráfico 3 apresenta as percentagens de casos de óbitos por AIDS em homens e mulheres acima de 60 anos no período entre 2007 - 2017. A partir do gráfico, pode-se verificar que nos últimos anos houve um aumento na percentagem de óbitos de idosos por AIDS. Percebe-se, portanto que, assim como ocorre um aumento na percentagem de casos de AIDS, tem-se um aumento no número de óbitos, nos últimos 10 anos.

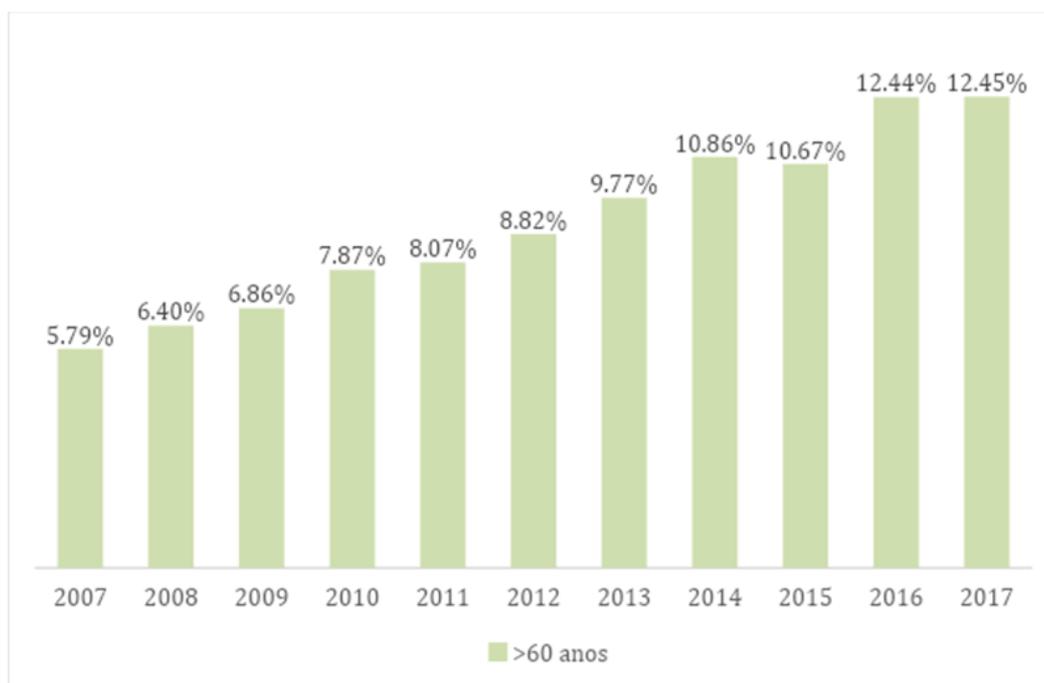


Gráfico 3 – Percentagem de óbitos por AIDS em pessoas com 60 anos ou mais.

Fonte: Ministério da Saúde (2017)

Comparando a porcentagem de óbitos por AIDS entre pessoas com menos de 60 anos e idosos, averiguou-se que a mortalidade tem aumentado em pessoas idosas (Gráfico 4).

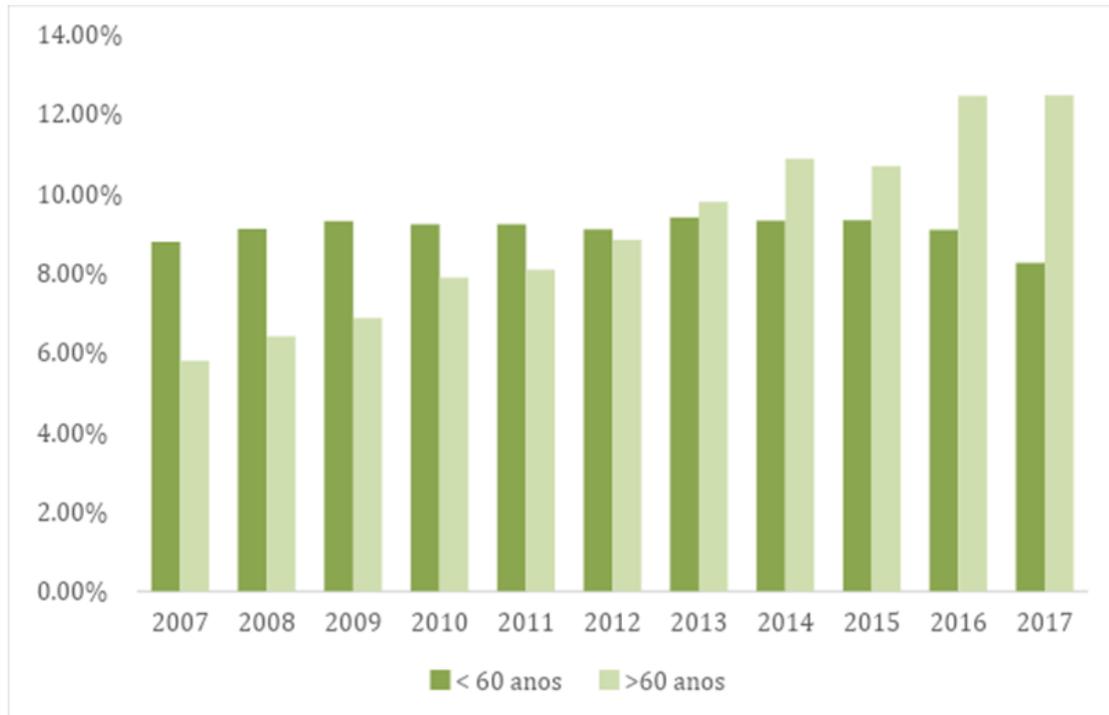


Gráfico 4 – Percentagem de óbitos por AIDS em indivíduos com menos de 60 anos e pessoas idosas.

Fonte: Ministério da Saúde (2017)

DISCUSSÃO

A ocorrência do vírus HIV na população idosa brasileira já uma realidade da saúde pública. De acordo com o Boletim Epidemiológico de Saúde nos últimos 10 anos aumentou o número de casos notificados de HIV em pessoas idosas no Brasil. Tais dados corroboram com os estudos de Nunes e Silva (2012) que verificaram que existe uma grande ocorrência de DST na população idosa brasileira, principalmente da AIDS.

Para Camargos e Gonzaga a população em geral está vivendo mais tempo, sendo que a melhoria na qualidade de vida permite a pessoa idosa uma vida sexual ativa e por consequente exposição a doenças sexualmente transmissíveis como o HIV (Camargos e Gonzaga, 2015).

Os idosos passaram a redescobrir novas experiências, principalmente ao que tange a uma vida sexual ativa. Por outro lado, essa mesma parcela da população tende a diminuir a utilização de preservativos com o decorrer da idade. A fraca adesão do uso de preservativo pelos idosos ocorre em função da dificuldade de manuseio; queda do desempenho sexual; estabilidade do relacionamento; aumento da procura de parceiros sexuais na internet e do turismo sexual. Assim, o crescente número de idosos infectados pelos HIV decorre tanto pelo surgimento da TARV que possibilita que as pessoas vivam até a velhice mesmo o vírus, quanto pelo aumento da exposição aos fatores de risco. (Dornelas Neto et al., 2015).

A falta de proteção dos idosos pode ser explicada ainda pela falta de conhecimento, visto que há desconhecimento da sexualidade desta população pelos profissionais da saúde, que deixam de ofertar testes, e direcionam as campanhas relacionadas ao HIV a outras partes da população que não os idosos. Isso resulta em uma perda da consciência de quão perigoso é o HIV ou em diagnósticos falhos ou tardios (Camargos e Gonzaga, 2015; Dornelas Neto et al., 2015).

Infelizmente, por muitos anos manteve-se um certo tabu entre os idosos sobre preservativos, muitos eram resistentes ao uso uma vez que tinham relações sexuais com um único parceiro muitos anos. Entretanto, com a geração Cazuza, muitos passaram a adotar o uso da camisinha após vivenciarem inúmeros casos de mortes por HIV. O uso de preservativos nos relacionamentos entre 2012 e 2017, aumentou entre o público acima dos 45 anos (Ministério da Saúde, 2018).

Os resultados evidenciaram que a AIDS em pessoas idosas é predominante no sexo feminino. Camargo (2016) também observou este quadro em relação a distribuição de óbitos por sexo. Essa realidade pode ser explicada pelos achados do estudo de Rodrigues e Praça (2010) que evidenciaram a desinformação da mulher com idade igual ou superior a 50 anos sobre o HIV/aids, além disso percebeu-se que existe uma valorização precária em relação a necessidade de prevenção da infecção pelo HIV já que essas mulheres tinham como garantia a confiança na fidelidade do companheiro contra a infecção. A realidade mais preocupante revelada por Rodrigues e Praça (2010) é que as mulheres nunca ou raramente utilizavam preservativo, sendo que não demonstraram intenção de usá-los.

Com relação a porcentagem de óbitos por AIDS em pessoas idosas têm-se um aumento nos últimos 10 anos. Tal tendência também foi demonstrada por Camargo

que evidenciou que enquanto entre a população adulta os índices de incidência e de mortalidade por AIDS vem diminuindo, entre os de idades mais altas ocorre justamente o contrário, sendo que a cada dez pessoas que morrem de AIDS no Brasil uma corresponde a pessoa idosa (Camargo, 2016).

Contudo a taxa de detecção de AIDS tem ocorrido de forma mais intensa a partir da recomendação do Protocolo de Tratamento para Todo. O referido protocolo foi lançado em 2013 e assegurou uma ampliação maior de acesso aos testes, e conseqüentemente um menor tempo entre a infecção e o diagnóstico, possibilitando tratamento mais rápido e com melhor prognóstico. Logo, isso se refletiu também na queda dos números de mortalidade pelo HIV (Ministério da Saúde, 2018).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. Out. 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 29 jul 2019.
- CILB - Centro Internacional de Longevidade Brasil. Envelhecimento Ativo: Um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade / Centro Internacional de Longevidade Brasil. 1ª edição – Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2015.
- Souza, M. C. M. R., Freitas, M. I. F. (2012). Aconselhamento em HIV/AIDS: representações dos profissionais que atuam na atenção primária à saúde. Revista Mineira de Enfermagem, Belo Horizonte, 14 fev. 2012. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/495>. Acesso em: 7 mar. 2020.
- Ministério da Saúde. Boletim epidemiológico HIV/Aids 2017. Brasília: DIAVH/SVS/MS, 2017. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2017>. Acesso em: 11 mar. 2020.
- Valente, G. S. C. et al. (2013). Atividades causadoras de HIV em idosos: revisão integrativa. Rev enferm UFPE on line., Recife, 7(8):5323-9, ago., 2013. Disponível em:

- <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/.../14197> . Acesso em: 07 ago. 2019.
- Alencar, R. A.; Ciosak, S. I. (2016) Aids em idosos: motivos que levam ao diagnóstico tardio. Rev. Bras. Enferm., Brasília, v. 69, n. 6, p. 1140-1146, Dec. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672016000601140&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 08 ago. 2019.
 - Nunes, M. O.; Silva, M. A (2012). Qualidade de vida de idosos portadores de HIV/AIDS no Brasil. Revista Estudos, Goiânia, v. 39, n. 4, p. 523-535, out./dez. 2012. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/download/2665/1627>. Acesso em: 08 ago. 2019.
 - Camargos, M. C. S., Gonzaga, M. R. (2015). Viver mais e melhor? Estimativas de expectativa de vida saudável para a população brasileira. Cad. Saúde Pública [online]. 2015, vol.31, n.7, pp.1460-1472. ISSN 0102-311X. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00128914> .
 - Dornelas Neto, Jader et al. (2015). Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática. Ciênc. saúde coletiva, vol.20, no.12, p.3853-3864. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232015001203853&script=sci_abstract&tlng=pt . Acesso em: 05 mar. 2020.
 - Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2018. Brasília: DIAVH/SVS/MS, 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2018> . Acesso em: 02 set. 2019
 - Camargo, A. B. M. Trabalho apresentado no VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais – ABEP, realizado em Foz do Iguaçu/PR – Brasil, de 17 a 22 de outubro de 2016. Disponível em: <http://abep.org.br/xxencontro/files/paper/555-470.pdf> . Acesso em: 08 ago. 2019
 - Rodrigues, D. A. L., Praça, N.S., (2010). Mulheres com idade igual ou superior a 50 anos: ações preventivas da infecção pelo HIV. Rev Gaúcha Enferm. 31(2):321-7.